

“VARADOUROS DA LIBERDADE”: CULTURA E TRABALHO ENTRE OS TRABALHADORES SERINGUEIROS DO ACRE*

*Carlos Alberto Alves de Souza***

Relato aqui, de forma resumida, os passos que consegui dar nos caminhos da pesquisa que culminou com a escrita de minha tese de doutorado, que trata de questões vinculadas ao estudo de uma forma de resistência constituída por seringueiros da região acreana de Brasiléia, denominada por esses trabalhadores de *empates*.

Fortes perspectivas me levaram a estudar os trabalhadores seringueiros da pequena região de Brasiléia, formada por seringais e fazendas, cortada ao meio pelas águas do rio Acre, afluente do Purus, fazendo limites com os municípios de Xapuri, Epitaciolândia, Assis Brasil, Sena Madureira (todos do Acre), e com a região boliviana do Departamento de Pando.

Diante de evidências, já com algumas preocupações acerca do que significaram os movimentos dos trabalhadores rurais acreanos na luta pela permanência em suas terras, quando das investidas de pecuaristas em seringais da região, deparei-me com dúvidas e interrogações a respeito de como os seringueiros de Brasiléia haviam articulado seus Empates, suas resistências. Com essas preocupações, principalmente, e pensando no meu objeto de estudo, é que defini esta temática. Está em jogo, enormemente, muito de minhas experiências de vida no trato e convivência com as lutas dos trabalhadores rurais acreanos.

* Texto extraído de minha tese de Doutorado *Varadouros da Liberdade: Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia-Acre*. São Paulo, PUC-SP, 1996.

** Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Acre.

Trato de Empates ocorridos em Brasiléia no período de 1976 a 1990. No entanto, como me propus a identificar estas resistências com suas tradições de lutas, constituídas em um viver, fui obrigado a fazer retornos a épocas bem anteriores, na tentativa de aprofundar minhas análises a respeito do modo de vida nos seringais. Sem essa vinculação, os Empates seriam estudados de forma incompleta. Só apareceriam em sua fase final, a fase da hora do seu acontecer. Antecede as resistências dos Empates toda uma constituição de dimensões sociais que possibilitaram sua existência, não na forma estreita de determinismo, mas como parte de um social constitutivo.

Com a perspectiva de seguir os “rastros” dos seringueiros e suas práticas de resistência, seu modo de vida e seus Empates, manter um diálogo com as fontes foi de fundamental importância. Suas lutas, seus movimentos, seus valores e representações não estavam à minha espera em uma sala qualquer de minha Universidade. Estavam na diversidade de documentos que eu teria de investigar e problematizar. Isto significou, para não proceder a interpretações generalizantes e deterministas, um constante ir e vir às evidências documentais, acompanhado das minhas muitas dúvidas que envolviam todo o universo do meu objeto de pesquisa.

A documentação trabalhada para a elaboração de minha tese tem duas origens. Na primeira, incluem-se as fontes localizadas e produzidas entre os próprios seringueiros, estando aí colocadas: fotografias, depoimentos orais e documentos localizados no interior do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, como atas de reuniões, bilhetes, cartas, documentos de expedientes e documentos referentes a suas atividades políticas; e, na segunda origem, incluem-se os documentos pesquisados fora do âmbito dos seringais e daquele Sindicato, quando investiguei as lutas dos seringueiros de Brasiléia em espaços considerados possíveis de evidenciar caminhos que me possibilitassem seguir os “rastros” daqueles sujeitos sociais. A pesquisa tornou-se uma fascinante busca de evidências em jornais como *O Varadouro*, *Nós Irmãos*, *A Gazeta*, *O Rio Branco*, em Livros de Queixas da Delegacia de Polícia de Brasiléia, nos Livros de Tombo da Paróquia de Brasiléia e nos Livros de Atas da Câmara de Vereadores do Município de Brasiléia.

O jornal *O Varadouro*, editado em Rio Branco, no período de 1977 a 1981, escrito por intelectuais acreanos e de outros Estados, denominado *O Jornal das Selvas*, assumindo de forma precisa a defesa dos direitos dos trabalhadores rurais acreanos à posse de suas terras, denunciando as formas violentas pelas quais os fazendeiros atentavam contra o modo de vida dos seringueiros do Acre, constituiu-se assim numa fonte histórica

imprescindível para quem estuda as transformações sociais na região, sob o ponto de vista de uma história comprometida com uma cultura de trabalhadores e suas formas de resistir à penetração do capital em suas terras. Evidencia, de forma intensa, a realização de Empates promovidos por seringueiros e colonos (posseiros), em vários seringais, incluindo os de Brasiléia.

O Varadouro é lugar de memória dos seringueiros acreanos. Estão ali importantes evidências que nos permitem alinhar conhecimentos significativos que envolvem a cultura dos povos da floresta porque o mesmo também trata de ribeirinhos, de barranqueiros e de populações indígenas que acabaram também participando de embates nesse processo de ruptura da economia acreana. Suas terras, suas propriedades também foram atingidas por grandes projetos agropecuários. Para Antonacci:

O Varadouro tornou-se uma das mais expressivas fontes de registro do enfrentamento cotidiano às intervenções de euforia, milagre e progresso que marcaram os devastamentos da Amazônia ontem e hoje (...) os editores de *Varadouro* constituíram uma 'experiência coletiva' com o passado, pressentindo a necessidade de garantir uma memória comum diante das desagregações socioculturais vivenciadas.¹

Nos jornais *O Rio Branco* e *A Gazeta*, busquei notícias sobre os Empates promovidos por seringueiros em toda região acreana, encontrando nesses dois periódicos registros de inúmeros conflitos pela posse da terra, envolvendo fazendeiros e seringueiros. No entanto, preferi intensificar a pesquisa no *O Varadouro* e no *Nós Irmãos* pelo volume de informações que estes jornais apresentam sobre os Empates na região de Brasiléia.

Utilizei os Documentos Finais e Moções dos Encontros Nacionais dos Seringueiros, promovidos pelo Conselho Nacional dos Seringueiros, numa perspectiva de encontrar as deliberações daqueles trabalhadores acerca de políticas educacionais para os "povos da floresta" que vivem nos seringais, fluindo, desta pesquisa, representações claras acerca dos Empates e das lutas dos trabalhadores da borracha projetadas por Organizações Não-Governamentais.

Segui as "pistas" dos seringueiros de Brasiléia, em suas atividades no interior das então criadas Comunidades Eclesiais de Base, que acabaram servindo de apoio para

1 Antonacci, M. A. "Cultura, trabalho, meio ambiente: estratégia de 'empate' no Acre", *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/FINEP/ MCT/ CNPq e Marco Zero, vol. 14, nº 28, 1994, pp. 247-267.

que aqueles trabalhadores também discutissem questões vinculadas à problemática da posse de suas áreas, e constituindo-se num importante espaço capaz de dar sustentação para que os mesmos viabilizassem os Empates, fortalecendo os seus laços de solidariedade. Decidi então pesquisar no jornal *Nós Irmãos*, bem anterior ao surgimento do *O Varadouro*, boletim informativo mensal da então Prelazia do Acre e Purus, publicado a primeira vez no ano de 1972.

No *Nós Irmãos* estão orientações acerca das organizações das CEBs no interior dos seringais acreanos; estão publicadas notícias de conflitos pela posse da terra, notícias das lutas dos seringueiros, dos Empates e das ações dos religiosos católicos nas resistências dos trabalhadores rurais do Acre. É um espaço também importante para que os trabalhadores pudessem expressar suas indignações contra o processo de desarticulação cultural que os grupos de fazendeiros pecuaristas tentavam promover na região.

Vi-me na condição de pesquisar nos Livros de Tombo da Paróquia da cidade de Brasília, da Igreja Católica. Sabia da importância do papel dos religiosos católicos nas ações de resistência dos trabalhadores rurais acreanos, a partir de 1970, quando dos enfrentamentos entre fazendeiros e posseiros, em muitas regiões do Acre, estando aí incluída a de Brasília. Evidenciava-se publicamente a forma assumida com a qual o Bispo da então Prelazia do Acre e Purus, Dom Moacyr Grechi, defendia a formação de Comunidades Eclesiais de Base fundamentadas nos direcionamentos firmados pela Teologia da Libertação, em defesa dos direitos dos trabalhadores rurais da região.

Os Livros de Tombo da Paróquia de Brasília são documentos importantes que tratam do cotidiano daquela cidade e das atuações dos religiosos no “fazer-se” das experiências organizadas por trabalhadores rurais daquela região. Oferecem dimensões significativas do papel das CEBs naquela área como parte das resistências daqueles trabalhadores.

Onde encontrei também “pistas” de experiências sociais dos seringueiros de Brasília? Num espaço costumeiramente “marginalizado”. Local importante de guarda de registros sobre trabalhadores, desconsiderado por uma prática de pesquisa preocupada com estudos estruturais. Na Delegacia de Polícia da cidade de Brasília. Querendo ver o desdobramento dos conflitos pela terra, entre fazendeiros e posseiros, no âmbito da esfera jurídica, os Livros de Queixas daquela Delegacia passaram a ser considerados importantes, principalmente quando procurava evidências a respeito de como os seringueiros se utilizavam de outros caminhos para denunciar agressões às suas formas de vida na floresta. Nesses Livros de Queixas, acabei encontrando interessantes registros

das formas violentas com que esses trabalhadores tratam questões de “rixas” entre si, de denúncias de atos que infringem a lei, como, por exemplo, a de roubos de pélas de borracha e de outros crimes praticados por seringueiros contra seringueiros. Na verdade, nesses documentos pude perceber fragmentos de um modo de vida, no interior dos seringais, constituído por um relacionamento também conflituoso entre os homens e mulheres, trabalhadores da borracha. O seringal constitui um modo de vida com todas as dimensões possíveis de relacionamento humano. É uma sociedade que apresenta uma forma heterogênea de ser.

Os Livros de Atas da Câmara dos Vereadores do município de Brasília, do período de 1963 a 1964, que me permitiram investigar, foram tão importantes quanto outras fontes. Como extraordinário exemplo desta afirmação posso citar um certo discurso de um vereador do PTB que, no dia 23 de abril de 1964, denunciava conflitos nas terras do seringal Cármen, colocando-se como defensor dos seringueiros que estavam sendo expulsos de suas Colocações de Seringa por determinação de um seringalista. Este fato saltou aos meus olhos como problemático. Como poderia um vereador se importar, em 1964, com seringueiros que estavam sendo expulsos de suas áreas? Surgia para mim mais uma dimensão das resistências daqueles trabalhadores — o da legalidade — para ocupar os espaços que deveriam ser ocupados politicamente. Acredito que cobraram do vereador um posicionamento na tribuna daquela Câmara de Vereadores em sua defesa. Era a cidade, o espaço urbano, aparecendo como um local de constituição de identidade daqueles trabalhadores.

Mesmo com todos os obstáculos colocados por um arquivo extraordinariamente desorganizado, não sistematizado, os documentos internos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília me possibilitaram encontrar impressionantes evidências acerca de estratégias de lutas e de encaminhamentos de propostas políticas dos trabalhadores rurais daquela região. Ali estavam, como grande maioria de sócios, os seringueiros que se tornaram a força majoritária na criação daquele importante Sindicato na história das resistências dos trabalhadores acreanos. Suas maneiras de pensar e colocar em prática as suas formas organizadas de resistência estavam em suas atas, em bilhetes de Delegados Sindicais, em relatórios, em portarias, em jornais internos e em seus manifestos. Foi como pude perceber a importância do papel daquela organização para intermediar o desenrolar dos Empates, quando estes, já consumados, encontravam-se em impasses. De um lado, os seringueiros e, de outro, os fazendeiros, estando aí envolvido o poder judiciário. O Sindicato era chamado a agir enquanto órgão que prestava assessoramento

judicial, com advogados, passando para as mãos dos juízes locais a responsabilidade de julgar o mérito.

Fiz uso de uma documentação oral, em momentos significativos de minhas interpretações, que me levou a fortes problematizações acerca do modo de vida dos seringueiros de Brasília. Procurei buscar os significados que os depoentes deram às suas vidas, às suas lutas, enfim, às suas experiências sociais e valores. São extraordinárias representações de um viver de lutas.

Os depoimentos orais foram capazes de evidenciar outros tipos de documentos. Quando os seringueiros de Brasília falavam do Estatuto da Terra, de suas poesias, quando mostravam fotografias de reuniões para formação de seu Sindicato, nos intervalos das entrevistas, estavam revelando outras evidências a respeito de suas lutas. Poesias utilizadas foram cedidas a mim por seringueiros nos momentos das entrevistas, fortes representações de suas vidas e de suas experiências sociais nas quais lamentos e denúncias são sempre a base dos seus dizeres. Afinal, foram produzidas em momentos de conflitos.

A tradição oral dos seringueiros é mais um ponto de sustentação para a constituição de uma identidade coletiva e social desses trabalhadores. Ou seja, é um meio de transmissão de valores que permeiam o seu viver, fortalecida por memórias de experiências vividas, numa sociedade que convive hoje com outras linguagens. É nesse emaranhado de evidências que caminha o pesquisador. A força da tradição oral nos seringais acreanos não eliminou a luta dos seringueiros pelo domínio da escrita como forma de resistência.

A sociedade do seringal é lugar privilegiado de comunicação oral, em que os saberes medicinais, a habilidade no trabalho da seringa e do roçado, as histórias de vida, a religiosidade, as crendices nos mistérios da mata, os valores morais e familiares, o amor, as paixões, suas lutas contra a dominação, são conhecimentos repassados por aprendizagens práticas e pela oralidade.

A tradição é veiculada intensamente por esses dois mecanismos. Os documentos escritos também são utilizados nessa relação, principalmente quando os seringueiros se relacionam com outros homens (patrões, religiosos, funcionários públicos e outros). A evidência oral é mais uma evidência. Outros fragmentos do social, nos seringais, estão em outras fontes.

A tradição oral dos seringueiros é notável. É fonte real de sujeitos históricos coletivos. Nesta tradição está grande parte de suas representações sociais sobre seu modo de vida. É na calma das noites que os filhos ouvem as histórias e adquirem conhecimentos de seus pais. É também no caminho para o trabalho, durante o corte da serin-

gueira, que eles aprendem, por intermédio das conversas e da observação direta, o processo de extração do látex. A partir daí acreditam ou não no “Mapinguari”, no “Caboclinho-da-Mata” e na “Matinta-Perera”.

As entrevistas realizadas com seringueiros da região de Brasília me colocaram frente a frente com o objeto de estudo da tese, com homens, mulheres e crianças que viveram experiências sociais. Os depoimentos orais me levaram à dimensão do cotidiano desses seringueiros, quando da organização dos seus Empates, dimensão esta não presente em outras fontes aqui explicitadas. É a fala direta dos trabalhadores a respeito de suas representações concernentes às suas resistências, ao seu modo de vida. Esta dimensão só me foi possível com os depoimentos orais.

Nos depoimentos orais dos seringueiros de Brasília estão as marcas de suas lutas em defesa do seu modo de vida. É no trato direto com eles que se percebe esta dimensão. É como bem diz Ecléa Bosi:

No trato desses depoimentos devemos ficar atentos a toda centelha de consciência. Atrás deles está uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história; seguremos com força os fios dessa trama.²

Analisando as resistências dos seringueiros como algo constituído em seu modo de vida, no trabalho, na família e no convívio com seus companheiros, direcionei as entrevistas no sentido de buscar sempre do entrevistado sua história de vida nos seringais, permitindo uma maior compreensão do que representa sua cultura. O que propus e o que fiz foi uma espécie de “caminho” para melhor ouvir o “outro” da pesquisa.

Criaram-se relações éticas de trabalho. Quando concluíamos uma entrevista, ouvíamos toda a fita. Com isto, o trabalhador autorizava ou não sua utilização. Todos os entrevistados autorizaram o uso de suas entrevistas. Isto me custou momentos intensos de reflexões. Aprendi, com o andamento da pesquisa, a respeitar, não só a fala do “outro”, mas também a considerar aqueles trabalhadores como indivíduos que questionam, estudam e aprendem durante o ato da entrevista. É como nos aponta Alessandro Portelli:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos interagindo não podem agir juntos a menos que uma espécie

2 Bosi, E. “Problemas ligados à cultura das classes populares”. In: Valle, E. e Queiroz, J. J. (orgs.). *A cultura do povo*. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1988, p. 28.

de mutualidade seja estabelecida. O campo pesquisado, entretanto, tem objetivo es-
corado em igualdade como condição para uma comunicação menos distorcida e um
conjunto de informes menos tendenciosos.³

Devo admitir que, para chegar ao ponto de ser visto, pelos dirigentes sindicais e
pelos trabalhadores rurais (colonos e seringueiros) de Brasília, como alguém confiável
e que pudesse também contribuir politicamente com suas lutas, que se encontrava na-
quela região pesquisando sobre suas resistências, como estudante da PUC-SP, enfrentei
momentos que deixaram visíveis as marcas de desigualdades entre pesquisador e pes-
quisados.

Os primeiros encontros com os entrevistados, durante o ano de 1992, foram de
extremas desconfianças. De um lado, eu, como um “intruso” pesquisador, com meus
propósitos de iniciar as entrevistas para a formação de uma documentação oral para o
meu trabalho, e, de outro, os dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bra-
sília, sempre cautelosos e desconfiados no relacionamento com “estranhos”. Poderia
estar em jogo seus interesses de dirigentes sindicais diante de todo um aparato de
relacionamento entre o Sindicato e os trabalhadores rurais daquela região.

Os dirigentes sindicais foram os primeiros entrevistados. Pensei em ganhar a con-
fiança das lideranças para depois passar a entrevistar os outros trabalhadores. Isto me
levou a permanecer bastante tempo na sede do Sindicato, em que realizei grande parte
das entrevistas utilizadas. Até então não imaginava que estávamos tão distantes: eu,
pesquisador, e seringueiros, pesquisados.

Mesmo apresentando os propósitos da pesquisa, levei um bom tempo para realizar
a primeira entrevista, realizada em 24 de junho de 1992 com o ex-seringueiro e sindi-
calista Osmarino Amâncio. Foram dias de “estudos”. Eu, agindo de forma a ganhar a
confiança daqueles homens, e eles “estudando” a minha pessoa.

Aqueles sindicalistas tinham motivos socialmente constituídos para se mostrarem
cautelosos. Suas experiências de vida no Sindicato e nas lutas dos trabalhadores rurais
daquela região os ensinaram a ter os devidos cuidados com o que falavam. Foram
intensos os conflitos entre fazendeiros e posseiros naquela região. Tomavam todos os
cuidados para não serem traídos pelas palavras, principalmente quando alguém se pro-

3 Portelli, A. “A Morte de Luigi Trastulli e outras histórias: formas e significados na História Oral”. Mimeo.
Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro, p. 3. Originalmente escrito em 1982. Uma versão mais
curta foi publicada em *New York Folklore*, XIV, 1 — 2 (1988), pp. 45-57.

punha a entrevistá-los de gravador na mão. Não se dispunham a falar de suas vidas e de suas lutas a quem não conhecessem. Só consegui entrevistar Osmarino Amâncio, que na época era o presidente do Sindicato, depois de comprovar, realmente, com minha identidade de estudante de Pós-graduação da PUC-SP, que estava ali como amigo. Certificaram-se de que não estavam diante de um informante da polícia ou dos fazendeiros e madeiros. Eu não estava ali para promover, como puderam perceber, perigos às suas condições de dirigentes bem seguros de seus cargos. Poderiam conceder entrevistas confiantes de que eu não representava nenhum infortúnio às suas representatividades políticas. A aliança estava firmada. Passei a não vê-los também como entraves à pesquisa.

Todos os dirigentes sindicais entrevistados tiveram as maiores cautelas quando perguntei acerca do assassinato do sindicalista Wilson Pinheiro, ocorrido em 1980. As respostas, segundo eles, poderiam complicar a vida de muitos.

A relação de “confiança” estabelecida entre mim e os entrevistados não encerrou os “estudos” sobre o que representava a pesquisa. Isto ficou evidente nas entrevistas seguintes, realizadas com outros dirigentes sindicais e com outros seringueiros e colonos. Antes ou depois da entrevista, os comentários acerca deste trabalho eram notórios, principalmente no interior da sede do Sindicato. Eles também especulavam sobre a importância do que eu estava realizando. Não eram sujeitos passivos. Eram sujeitos que também elaboravam seus questionamentos. No ato da entrevista, ficávamos frente a frente, pesquisador e pesquisados que produziram uma documentação oral, um discurso.

Mesmo nas entrevistas realizadas no interior dos seringais de Brasília e na periferia da cidade de Rio Branco, longe dos olhares dos sindicalistas, os entrevistados trabalhadores formulavam seus questionamentos sobre a pesquisa. Ficavam abertos ao diálogo quando se convenciam da importância deste trabalho. Para esses trabalhadores e para os sindicalistas, não bastava somente ser amigo. Era necessário que fossem convencidos de que estavam contribuindo com a produção de um conhecimento histórico acerca de seu próprio viver e de suas lutas.

Pensar uma possível igualdade entre pesquisador e pesquisados, necessário se faz reconhecer que os entrevistados também são capazes de elaborar questionamentos. Esta lição foi de fundamental importância para o meu repensar sobre o papel do pesquisador diante dos sujeitos sociais a serem entrevistados. Não podemos nos comportar como “ladrões” oportunistas de memórias. É necessário que passemos a respeitar o outro, que, numa entrevista, primeiro pensa para depois falar.

Esta igualdade não significa a perda de autonomia do pesquisador e dos entrevistados. Aprendem juntos. Podem contribuir para que sejam alcançados determinados

objetivos. Eu não esperava por tamanha autonomia dos sujeitos que se postavam diante de mim. Buscavam uma igualdade que não existia. O ato da entrevista me possibilitou entender essa busca. É como nos propõe ainda Alessandro Portelli ao afirmar que:

A entrevista de campo, por conseguinte, não pode criar uma igualdade que não existe, mas ela pede por isto. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade por mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações. Do mesmo modo que a hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante. Acabar com o poder abertamente transforma uma entrevista de campo num experimento em igualdade.⁴

No trabalho com documentação oral na região amazônica, lugar de onde falo, se propomos uma igualdade entre pesquisador e entrevistado, necessário se faz pensarmos em contribuições mútuas. Um primeiro passo é a execução de projetos que viabilizem a formação de um centro de documentos orais, provenientes de entrevistas com homens e mulheres que formam os mais diferentes segmentos sociais da região, com a certeza de que os mesmos verão reconhecido o seu importante papel na preservação de uma memória oral. Isto comprometeria também os pesquisadores a se tornarem aliados de suas lutas. A entrevista, dentro desses parâmetros, seguiria os caminhos para uma possível igualdade, nos moldes do que apresenta ainda Alessandro Portelli:

Quando o encontro tem lugar à luz da igualdade, não somente o observador mas também o 'observado' podem ser estimulados a pensarem diferentemente sobre os mesmos. Isto joga nova luz sobre velho problema: a interferência do observador na realidade observada (...) o trabalho político é trabalho de mudança e todas estas mudanças são altamente políticas...o fato de que nossas presenças possam facilitar mudança significativa na auto-consciência das pessoas que encontramos ainda é talvez uma forma, útil, de ação política.⁵

A entrevista, realizada com os seringueiros, seja no interior de um seringal, seja na cidade, ou na própria sede do Sindicato, é um momento presenciado por seus familiares ou por seus companheiros. Eles espreitavam mesmo quando estavam na cozinha.

4 Portelli, *op. cit.*, p. 1.

5 *Idem*, *ibidem*, p. 3.

Quando não, ficavam ao redor, ouvindo tudo, muitos confirmando o que o depoente estava afirmando. Nas gravações ficam registradas as conversas “paralelas”, o bater no alho e na pimenta-do-reino. São registros de um “viver”, tornando o ato da entrevista um momento coletivo, fortalecendo a idéia de vermos a documentação oral como uma evidência construída pelo diálogo entre pesquisador e entrevistado. É um ato também de cumplicidade o da entrevista.

Trabalhei a documentação como “expressão da experiência humana”. São evidências, fragmentos de um social. Tratei a documentação como possibilidade de fortalecer a compreensão de minhas problemáticas de pesquisa. Problemáticas configuradas durante o processo de consulta à documentação. Vendo o social como algo constitutivo, não poderia proceder diferente no trato com a documentação, com as evidências.

Ter levado os resultados da tese de volta aos seringueiros de Brasília, em maio de 1997, para que pudessem também fazer o seu julgamento sobre o que está escrito, foi a forma mais singela que encontrei para contribuir com a formulação de uma igualdade. Foi o momento em que pude encontrar pessoas que passaram a me cobrar resultados escritos da pesquisa, a tese. Confesso que foi um momento emocionante. Acreditei realmente na importância de minha profissão. Resta ainda retornar à região para ouvir dos trabalhadores as representações das leituras que fizeram do meu trabalho.

Esses trabalhadores continuam constituindo suas vidas, independente ou não da existência da tese. Será que já cumpri o meu papel, enquanto historiador, diante da história desses seringueiros que enfrentam hoje o debate e o fazer-se de suas Reservas Extrativistas? Devo considerar por encerrada a pesquisa? A tese representa algo pronto e acabado diante do que foi vivido e o que está sendo vivido por esses trabalhadores? Esse debate parece ser bastante oportuno se passarmos a repensar o nosso papel diante das experiências vividas pela cultura popular.